

Economia Solidária e Feminista: A experiência da Casa da Mulher do Nordeste

FEMINIST SOCIAL ECONOMY: THE CASA DA MULHER DO NORDESTE EXPERIENCE

Adriana Micheletto Brandão¹

RESUMO

A Residência Social realizada na Casa da Mulher do Nordeste colocou-me diretamente em contato com um novo campo que surgiu recentemente dentro da área da Economia Solidária, e que foi batizado pela instituição como Economia Solidária e Feminista, que parece capaz de promover o empoderamento econômico e político de mulheres em situação de vulnerabilidade social, especialmente o das mulheres negras, consideradas as mais pobres entre os pobres. Os resultados alcançados pela Economia Solidária e Feminista são atribuídos a uma formação política que transversaliza permanentemente todas as ações e a estratégia de articulação destes grupos em redes, assumindo como pressuposto a necessidade do trabalho de incubação dos empreendimentos solidários em contemplar necessariamente a dimensão política junto com a técnica.

Palavras-chave: Residência Social. Mulher, Economia Solidária, Políticas Públicas.

ABSTRACT

The Social Residence realized in the institution Casa Da Mulher do Nordeste put me directly in contact with a new field which appeared recently inside within the area of Solidarity Economy, and was baptized by the institution of Solidarity Economy and Feminist, seems able to promote the political and economic empowerment of women in a situation of social vulnerability, especially the black women, considered the poorest of the poor. the results achieved by this type of economy are assigned to a training political that cut across permanently all actions and strategies of articulation of these groups in networks, taking as granted the need to work in solidarity enterprises incubation necessarily contemplate the political dimension with the technique.

Keywords: Residence Social. Woman. Solidarity Economy. Public Policy

¹ Psicóloga e Psicodramatista. Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social pelo Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social - CIAGS da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Consultora de projetos socioambientais, com experiência em incubação de empreendimentos solidários. E-mail: dribrandao@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

Escolhi fazer minha residência social em uma organização não governamental - ONG chamada Casa Da Mulher do Nordeste, que chamarei aqui como CASA. A CASA está sediada no Recife, capital do estado de Pernambuco, região Nordeste do Brasil, e atua há vinte e nove anos na perspectiva do empoderamento econômico e político das mulheres, especialmente as chefes de família, negras e de baixa renda. A instituição alia os referenciais da Economia Solidária, do Feminismo e da Agroecologia para apoiar o trabalho de grupos de mulheres produtoras, visando a equidade de gênero na perspectiva do desenvolvimento humano sustentável.

O trabalho da CASA foi direcionado, inicialmente, às mulheres da cidade do Recife, sendo estendido posteriormente a outros três municípios da sua região metropolitana. No ano de 2003, a ONG montou um escritório no município de Afogados da Ingazeira, passando a atuar em comunidades rurais de quinze municípios da região semi-árida do Sertão do Pajeú, interior de Pernambuco. A CASA também promove, desde 1996, a articulação da Rede de Mulheres Produtoras do Nordeste, envolvendo os estados da Bahia, Maranhão, Paraíba, Pernambuco e Piauí.

O plano de trabalho da minha residência consistiu em acompanhar os processos de formação econômica e política de mulheres, realizados nos estados da Bahia – município de Feira de Santana – e Pernambuco – Recife. Também conheci o trabalho da ONG em Afogados da Ingazeira. Fiz contato com oito grupos de mulheres na região metropolitana do Recife e dois em Afogados da Ingazeira, visitando-os em suas sedes. Também foram feitas entrevistas com a equipe técnica da CASA e consultas a documentos da instituição. A ONG já conta com uma série de publicações próprias que sistematizam sua experiência de trabalho, várias delas citadas ao longo da minha dissertação.

REFERENCIAIS POLÍTICO-CONCEITUAIS

Todo o trabalho da CASA está centrado nas dimensões de gênero, raça e classe, consideradas pela instituição como estruturantes das desigualdades sociais, econômicas, culturais e políticas da sociedade. Sendo assim, a ONG elegeu o combate ao patriarcado, ao modo de produção capitalista e ao racismo como elemento fundante de todas as suas ações.

A questão ambiental também transversaliza todo o trabalho da ONG, e, em alguns projetos, tem lugar de destaque, como nos que estão voltados para a

reorganização dos sistemas produtivos de agricultura de base familiar, pautados nos referenciais da agroecologia.

A CASA trabalha com importantes interconexões entre estas dimensões apontando, por exemplo, que na região do Pajeú as trabalhadoras rurais não têm acesso garantido à irrigação, aos mercados e informações técnicas, o que as torna mais frágeis para enfrentar os desastres naturais e pressões ambientais decorrentes das mudanças climáticas.

Este posicionamento político também determinou a ênfase na discussão sobre as questões da divisão sexual e social do trabalho, buscando mecanismos que promovam a valorização do trabalho doméstico e/ou reprodutivo.

No âmbito do empoderamento econômico, a CASA busca facilitar o acesso das mulheres ao crédito, à assessoria técnica, à gestão e ao controle da sua produção. Em relação ao empoderamento político, a instituição fomenta a representação política das mulheres nos espaços de poder, estimulando e apoiando suas ações propositivas e de controle das políticas públicas.

A Casa da Mulher do Nordeste pode ser considerada a primeira ONG feminista brasileira que incorporou à sua missão questões econômicas relativas à transformação das relações das mulheres com a produção.

O TRABALHO DA CASA NO SERTÃO DO PAJEÚ

A micro-região do Pajeú é uma das mais populosas do sertão pernambucano, fato que está relacionado à existência no local de um grande rio, o Pajeú, e de seus afluentes, que asseguram as condições de sobrevivência das famílias no território.

A região destaca-se pela organização política dos trabalhadores, pelos movimentos sociais e por sua cultura, onde brilham poetas, cantadores, repentistas e sanfoneiros. A atuação das mulheres vem ganhando força na região, com impacto na produção econômica, na participação política e na atuação nos conselhos locais.

O bioma característico do sertão é a caatinga, ecossistema frágil que tem lenta capacidade de recuperação aos períodos prolongados de estiagem. As práticas de queimadas e da combustão da lenha como matriz energética, características da população local, associadas a um baixo nível de educação ambiental e ao desconhecimento da fragilidade do ecossistema local, agravam os riscos da desertificação da região.

As mulheres da região desenvolvem trabalhos artesanais, plantam hortaliças e frutas, criam animais pequenos como galinhas, cabras e porcos, e beneficiam o leite e as frutas. A CASA tem levado a estas mulheres conhecimentos e experiências com produção agroecológica, garantindo assistência técnica,

fomentando o uso de tecnologias limpas, a produção para o auto-consumo das famílias e a comercialização do excedente em feiras agroecológicas da região. Todo este trabalho tem como eixo transversal um processo educativo que tem como foco a promoção do protagonismo e da autonomia das mulheres.

Um dos principais objetivos do trabalho da CASA no sertão do Pajeú é a análise do desenvolvimento da agricultura de base familiar a partir de uma abordagem de gênero, destacando a invisibilidade do trabalho das mulheres na cultura da região. A falta de remuneração do trabalho feminino realizado no âmbito doméstico cria condições de submissão e de desvalorização que se reproduzem em todas as dimensões da vida social, cultural, econômica e política das mulheres. Há poucos anos atrás, até mesmo as políticas públicas ignoravam a sua participação na agricultura familiar, não havendo mecanismos instituídos para que elas pudessem acessar diretamente crédito e assessoria técnica, nem condições para facilitar a comercialização de seus produtos.

Como principais resultados dos seis anos de atuação da CASA na micro-região do Pajeú, a equipe técnica cita o aumento do número de mulheres envolvidas diretamente com a comercialização de seus produtos através das feiras livres locais, atividade que anteriormente estava concentrada entre os atravessadores. Também aumentou significativamente o acesso das mulheres à assistência técnica e ao crédito.

Também foram registradas mudanças no tipo de capacitação oferecida às mulheres. No início do trabalho as capacitações estavam concentradas na área de saúde – principalmente na prevenção a DST/AIDS –, verificando-se agora um movimento maior das mulheres em direção às áreas ligadas à produção – gerenciamento hídrico, criação de animais, trabalhos manuais, beneficiamento da produção agropecuária e convivência com o semi-árido.

Estas mudanças têm gerado impactos sobre a tradicional divisão sexual do trabalho, dado que as mulheres estão intensificando sua participação na produção e comercialização, promovendo desta forma as condições para a desconstrução das desigualdades de gênero na agricultura familiar.

O TRABALHO DA CASA NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

Recife é uma cidade que tem características muito semelhantes a Salvador. A capital pernambucana também teve grande importância econômica e política no período da colonização do Brasil, assim como também recebeu um grande contingente de escravos e escravas.

O compartilhamento destes dois eixos históricos – colonização e escravidão – deram origem a dinâmicas socioeconômicas muito parecidas nos dois municípios.

Assim como a Região Metropolitana de Salvador, a Região Metropolitana de Recife – RMR – também registrou um aumento da participação feminina no mercado de trabalho entre os anos de 1998 e 2006. Segundo dados do DIEESE (2008, apud CASA 2009), entre 1998 e 2007 houve um aumento do desemprego que atingiu de forma mais intensa a população feminina. Num outro estudo, o DIEESE (2006, apud CASA, 2009) apontou que, no mesmo período, houve um aumento de 42% no número de famílias chefiadas por mulheres.

Também na RMR, as mulheres cumpriam uma dupla jornada de trabalho e ocupavam as posições de trabalho mais vulneráveis, com vínculos empregatícios frágeis ou em trabalhos autônomos precarizados. Em relação à distribuição da ocupação por setor da atividade econômica, 53,5% das mulheres da RMR estavam atuando no setor de serviços, 20% no comércio, 18,7% em serviços domésticos e 5,2% na indústria.

No mesmo período, também foi identificada uma diminuição da diferença entre os rendimentos auferidos por homens e mulheres, embora o rendimento das mulheres ainda fosse 26,5% menor que o dos homens.

A violência contra as mulheres piorou entre 2007 e 2008, principalmente entre as jovens, negras e pobres. Também na RMR há problemas graves relacionados a moradia, saneamento, saúde e creches.

ESTRUTURA E DINÂMICA DO TRABALHO DA CASA

A equipe da CASA é formada quase que exclusivamente por mulheres. Entre elas, muitas são jovens e algumas são negras. A equipe é multidisciplinar, havendo pessoas com formação em Ciências Sociais, Serviço Social, Economia Doméstica, História, Agronomia, Pedagogia, Engenharia de Pesca, Educação Ambiental, Ciências Contábeis e Administração. Todas elas têm formação feminista e militam no movimento, na Economia Solidária e na Agroecologia.

A metodologia que vem sendo utilizada pela Casa da Mulher do Nordeste está embasada em experiências e práticas educativas feministas, alimentadas principalmente por disciplinas como a antropologia, a psicanálise e a pedagogia.

A “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire (2005) é uma referência fundamental do trabalho. Os processos de “ação e reflexão” e do “aprender fazendo”, centrados na prática dos grupos de mulheres buscam, em última instância, a transformação das relações sociais, na perspectiva crítica dos movimentos feministas, anti-racistas e da economia solidária. Esta estratégia também cria as condições para o fortalecimento da auto-organização das mulheres.

A Casa da Mulher do Nordeste funciona a partir de um modelo participativo de gestão, e organiza-se a partir de um projeto que foi definido coletivamente ao longo dos vinte e nove anos de existência da instituição.

O trabalho da Casa da Mulher do Nordeste está estruturado em dois programas: “Gênero e Economia” e “Mulher e Vida Rural”. O primeiro é direcionado a contextos urbanos, e o segundo aos espaços rurais. Ambos os programas têm como objetivos o fortalecimento da capacidade produtiva e da participação política das mulheres, tendo como principais referenciais políticos o Feminismo e a Economia Solidária, movimentos que estão sendo profundamente articulados pela instituição, dando origem ao que Graciete Santos – Coordenadora Geral da ONG – tem chamado de Economia Solidária e Feminista.

REFLEXÕES FINAIS

A experiência da residência social foi, certamente, o diferencial do meu processo de aprendizagem neste mestrado. Vivenciei-a exatamente antes de dar início à redação da minha dissertação, o que redefiniu completamente os caminhos previstos até então. O longo tempo investido na busca de uma organização que tivesse um trabalho diferenciado em relação à minha discussão revelou-se fundamental. Também foi de decisiva importância a compreensão do Colegiado responsável pelo Mestrado em Gestão Social e Desenvolvimento, que autorizou a realização de uma experiência em nível nacional. Ler não apenas palavras que relatam uma experiência, mas também as expressões das mulheres da Casa da Mulher do Nordeste, as que vêem suas histórias reconstruídas e as que facilitam este caminhar. Compartilhar de sua linguagem, suas visões de mundo, suas emoções. "Estar com", acho que este é o chamado da Residência Social.

REFERÊNCIAS

- CARRASCO, C. Introdução. In: CARRASCO, C. (org.). *Mujeres y economia: nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas*. Ed. Icaria-Antrazyt, 2003
- CASA da Mulher do Nordeste. *Planejamento Estratégico Institucional 2009-2012 da Casa da Mulher do Nordeste, 2009*.
- COSTA, A.A. *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*, s/d. Disponível em <http://www.agende.org.br> > Acesso em 17.out.2009.
- GUÉRIN, I. As mulheres e a economia solidária. 1ªed. São Paulo: Loyola, 2005.
- SANTOS, G. Economia Solidária e Feminista: um encontro possível. *Cadernos Feministas de Economia e Política*, Recife, nº5, p.69-90, 2009 – semestral.